

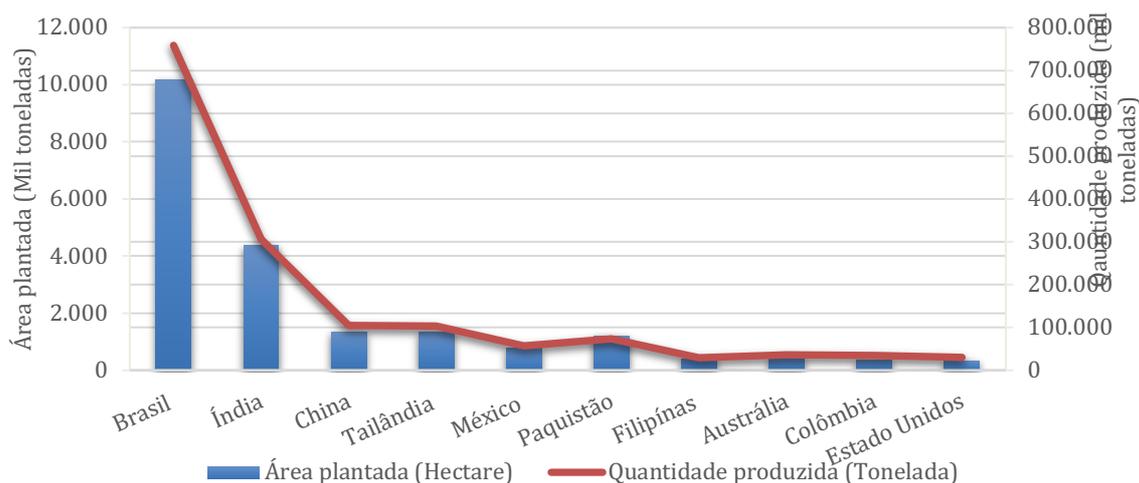
O BIOCOMBUSTÍVEL ETANOL, O COVID-19 E A QUEDA INTERNACIONAL DO PREÇO DO PETRÓLEO: CONSEQUÊNCIAS E DESAFIOS

Milton Campelo¹

A cana-de-açúcar chegou ao Brasil no século XVI, marcando importante ciclo econômico do Brasil Colônia. Começando pela região Nordeste, com o tempo, seguiu para o Sudeste, e hoje ocupa os cerrados do Centro-Oeste, chegando até a região Norte. Hoje, a produção de cana-de-açúcar é uma das grandes alternativas para o setor de biocombustíveis em razão do seu grande potencial na produção de etanol e seus respectivos subprodutos.

Desde que foi trazida para o país, a cana-de-açúcar tem desempenhado importante papel na economia brasileira, maior produtor mundial, com 41,2% do total, em 10,1 milhões hectares, o que corresponde a 39,3% da área plantada mundialmente (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Área plantada e quantidade produzida dos players mundiais em 2017

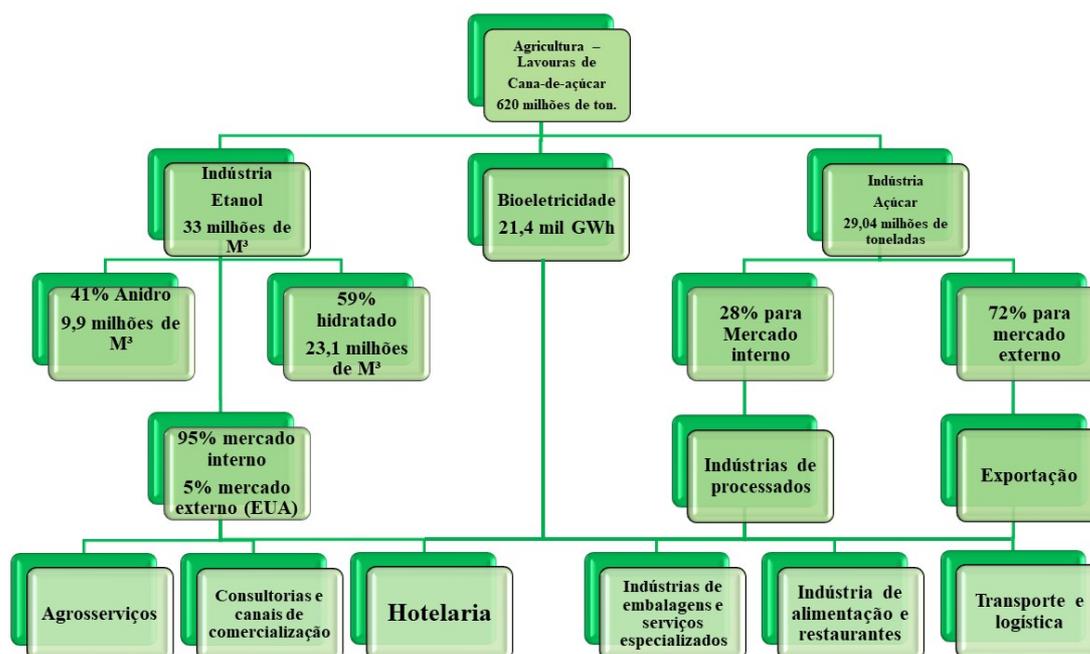


Fonte: FAO (2020)

¹ Diretor Presidente na M Assessoria e Consultoria Empresarial, especialista em Economia Brasileira pela USP e atualmente Mestrando em Economia pelo IDP.

O setor é essencial para economia brasileira em bioenergia sustentável e renovável, respondendo por 5% da balança comercial entre 2012 e 2018, redistribuídas na forma de salários, impostos e aquisições de produtos e serviços. É um imenso mercado de geração de emprego direto e indireto. Segundo UNICA (2020), para cada emprego direto, 2,39 indiretos são gerados ao longo das cadeias produtivas dos diversos ramos do setor, multiplicando e interiorizando seus efeitos econômicos e sociais.

Figura 1 - Modelo resumido do setor sucroenergético no Brasil em 2019



Fonte: UNICA (2020)

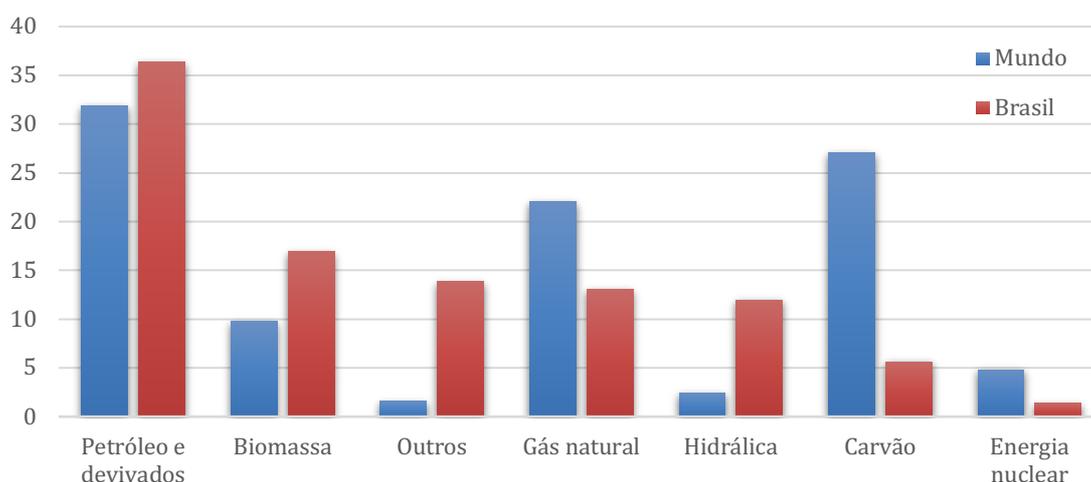
O impacto do modelo acima pode ser observado através dos dados gerais sobre a robustez do setor sucroenergético no país. Na safra 2017/2018, o PIB foi calculado em torno de R\$ 156,02 bilhões o que equivale a 2,37% do PIB nacional (CEPEA, 2020), gerando cerca de 800 mil empregos diretos em mais de 20% dos municípios do Brasil (IBGE, 2020a).

É o 2º setor agropecuário mais importante para a balança comercial brasileira, gerando cerca de 12 bilhões de dólares anuais em exportações. Além de maior produtor e exportador mundial de açúcar, sendo responsável por cerca de 50% do volume transacionado mundialmente e 2º maior produtor e exportador de etanol do mundo (BRASIL, 2020a; BRASIL, 2020b).

O etanol é encontrado na rede de postos de abastecimento, em sua forma pura ou em 27% na mistura com a gasolina. Em nenhum outro país, esse biocombustível alcançou tamanha capilaridade e abrangência, além de contribuir com a qualidade do ar.

No País, apesar do consumo de produtos do petróleo e seus derivados ser maior que o consumo na média do mundo, segundo o Gráfico 2, são utilizadas mais fontes renováveis do que a média mundial. A soma dos derivados da cana-de-açúcar, hidráulica e outras renováveis, chega a taxa de 42,9%, quase metade da matriz energética. Com os derivados da cana-de-açúcar representando 17%, sendo a primeira dentre as energias renováveis, superior inclusive à hidráulica com 12% do total.

Gráfico 2 - Matriz energética do mundo e do Brasil - 2018



Fonte: EPE (2020)

Importante na redução da “pegada de carbono” da matriz energética do setor de transportes, e em linha com as necessidades para cumprimento de compromissos internacionais, como o firmado em 2015, no Acordo do Clima de Paris (COP 21), de redução na emissão de Gases de Efeito Estufa em 44% até 2030, tendo como base as emissões de 2005.

O Desafio Conjuntural

Apesar das fortes vantagens comparativas e da gama de elementos favoráveis que incluem solo, clima e tamanho do território do Brasil, o setor tem sofrido impactos na área econômica, em face de acúmulos históricos de endividamentos decorrentes em grande parte de decisões governamentais intervencionistas em controle de preços de combustíveis fósseis.

O processo de reestruturação do setor sucroenergético no Brasil, a partir dos anos 2000, foi provocado por uma série de fatores: a) o aumento do preço internacional do petróleo; b) o aumento das preocupações com o aquecimento global; e c) lançamento do projeto de produção dos veículos flex fuel no país a partir de março de 2003.. De 2003 a 2009, as vendas de etanol no Brasil aumentaram em 173%.

A descoberta do pré-sal e a crise econômica de 2008 mudaram os rumos do setor. Na intenção de conter a crise no país, o Governo Federal brasileiro passou a controlar artificialmente os preços da gasolina e a Petrobras obrigada a praticar preços abaixo do mercado internacional. A política de preços artificiais da gasolina que durou por 7 anos prejudicou a comercialização do etanol, além disso, o Governo ainda desonerou a gasolina de pagar a CIDE, em 2012, diminuindo a diferenciação tributária de combustível fóssil em relação ao etanol.

O resultado disso, foi a perda de competitividade do etanol em comparação a gasolina, que aliado aos custos e dificuldades na produção canavieira encarecem esse biocombustível, e diminuíram suas vendas.

Nos últimos anos, o setor ganha uma nova configuração. De alta relevância foi a edição da Lei nº 13.576, de 26 de dezembro de 2017, regulamentada pelo decreto nº 9.888, de 27 de junho de 2019, que põe em marcha a Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio), que abre a oportunidade para avanços na produção de bioeletricidade, estímulo ao etanol através de créditos de carbono, estimulando as agroindústrias para a estruturação e consolidação do conceito de biorrefinarias.

Em 2020, os primeiros contratos de escrituração e custódia de Créditos de Descarbonização (CBios), no âmbito do RENOVABIO, são formalizados, com o ingresso do mercado de biocombustíveis nessa inovadora modalidade de negócios, com meta de 28,7 milhões de títulos, até o final deste ano, projetando 90 milhões, em 2030.

No âmbito internacional, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) anunciou a mistura de 15% como meta para 2030 e 30% em 2050. Notícias que animavam o setor de maneira que 2020 iniciou com a agroindústria construindo 18 novas usinas de etanol conforme atualização da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), com projeção de oferta diária de 6,17 milhões de etanol hidratado e 3,12 milhões de litros de anidro.

O setor estava animado.

COVID 19 e Queda internacional do preço do petróleo

A pandemia do COVID-19 e a guerra de preços entre Arábia Saudita e Rússia no mercado de Petróleo, derrubam o otimismo que o setor sucroenergético brasileiro começava a experimentar, inclusive após superar o impacto provocado em 2019, com a elevação da cota de importação de etanol, sem tarifa, dos Estados Unidos, em mais 150 milhões de litros.

Assim, os impactos e projeções de crescimento estão afetados com forte recuo da demanda.

O preço do Petróleo Brent (US\$/barril) tem apresentado queda de até 60% no valor da commodity até o momento, atingindo o valor mais baixo em décadas, cotado a até US\$ 20,37 o barril.

É inevitável que a redução do preço do petróleo tenha efeito consequente e negativo sobre os preços do etanol. Preços mais baixos da gasolina aumentarão seu consumo, reduzindo o consumo do biocombustível.

Projeta-se uma redução da produção em 25 bilhões de litros, ou seja, menos de 24% em relação aos níveis da safra 2019/2020, cuja produção global foi de 33 bilhões de litros.

Esse cenário está potencializado pelo imprevisto prazo de encerramento do isolamento social, como medida de contenção da pandemia do Novo Coronavírus.

Assim o mercado de etanol está sem competitividade frente à gasolina, com destruição das margens de ganho a produção e a comercialização. Queda na remuneração dos produtores de cana o que pode afetar os investimentos nesse ativo biológico.

Há uma tendência que a atual safra venha a se tornar mais açucareira com riscos de enfrentar barreiras de exportações. Dificuldades do setor em honrar compromissos financeiros e associados, comprometendo os investimentos na produção e indústria.

Por fim, haverá necessidade de intervenção do governo federal e de toda a sociedade em decidir sobre a preservação desse estratégico setor de produção de energia limpa e renovável de genuína matriz brasileira.